

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Laura de Souza Roter

OS LIMITES DA FICÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DO HOLOCAUSTO EM “O MENINO DO PIJAMA LISTRADO”

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **LAURA DE SOUZA ROTER**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202072022A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“OS LIMITES DA FICÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DO HOLOCAUSTO EM “O MENINO DO PIJAMA LISTRADO”**, desenvolvido durante o período de **OUTUBRO DE 2024** a **FEVEREIRO DE 2025** sob a orientação de **ODILON CALDEIRA NETO**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 14 de Março de 2025

Laura de Souza Roter

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguarde o período de () 1 ano, ou (X) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

OS LIMITES DA FICÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DO HOLOCAUSTO EM “O MENINO DO PIJAMA LISTRADO”

Laura de Souza Roter¹

RESUMO

A tentativa de reprodução do passado através de diversas expressões artísticas e produtos ganham cada vez mais espaço na indústria da cultura, principalmente no meio literário. O presente artigo tem como objetivo analisar a representação do Holocausto a partir do livro “O Menino do Pijama Listrado”, de John Boyne, expondo os limites entre a ficção e a realidade que compõe a obra, assim como os impactos desse tipo de produção nos estudos sobre a memória da Shoah. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica privilegiando um diálogo com as obras de Theodor W Adorno, (“Educação e Emancipação”) e Enzo Traverso (“O passado, modos de usar. História, memória e política”) para integrar a discussão. O objetivo deste trabalho é contribuir com os estudos sobre a representação do Holocausto, argumentando que sem a devida abordagem crítica, pode colaborar para um processo de esmaecimento da memória da Shoah.

PALAVRAS-CHAVE: Holocausto. Representação. O Menino do Pijama Listrado.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos da representação do Holocausto são temáticas discutidas e analisadas há décadas por historiadores de todo o mundo. Na contemporaneidade, existe a necessidade de abordagem dessa temática a partir do aumento das produções ficcionais que tem como foco a Shoah², uma vez que, em sua maioria, os fatos históricos são preteridos, dando lugar a uma maior comoção dentro da trama. Entretanto, a hipótese inicial é que a construção dessas narrativas e a sua disseminação ao público geral permite a neutralização do potencial crítico dos estudos do Holocausto, o que faz surgir questionamentos sobre os limites éticos dessa representação em relação à realidade.

O interesse pela temática surgiu a partir da utilização do livro “O Menino do Pijama Listrado”, de John Boyne, como uma das referências bibliográficas para a prova de redação do processo seletivo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2023³. Nessa perspectiva, o aumento na produção e venda do livro físico, mobilizou discussões sobre o uso de uma obra que foi amplamente criticada pelo Museu do Holocausto de Curitiba⁴ por ser prejudicial ao processo de preservação de memória e ao ensino sobre a Shoah, no vestibular de uma das mais renomadas universidades públicas do Brasil.

O problema central que orienta essa pesquisa está na utilização da obra “O Menino do Pijama Listrado” como obra bibliográfica para os estudos e ensino do Holocausto. Nesse sentido, sem a devida preocupação por parte da indústria literária com os fatos históricos que ambientam e compõem a narrativa, permite uma construção pautada no entretenimento e diversão, o que pode trazer consequências diante a representação do Holocausto.

Em vista disto, o objetivo geral deste trabalho é analisar de que maneira a representação do Holocausto é abordada na obra de John Boyne ao retratar uma improvável amizade entre o filho do comandante de um campo de concentração nazista e uma criança judia. Para alcançar esse objetivo, será necessário identificar as ações e os comportamentos dos principais personagens envolvidos na trama, para que seja possível refletir sobre a forma que a Shoah é representada na obra e suas implicações para a preservação da memória.

Como referencial teórico, a pesquisa se baseará em uma discussão a partir de bibliografia selecionada, trabalhando temas como os usos políticos da representação através do diálogo da obra “O passado, modos de

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Odilon Caldeira Neto

² Shoah, do hebraico, significa “catástrofe”, para atribuir o assassinato em massa cometido durante a Segunda Guerra Mundial

³ O tema da redação da UERJ 2024 – aplicada em 2023 – foi “Qual seria, para você, a moral da história narrada em O Menino do Pijama Listrado?”. Disponível em: <<https://vestibulares.estrategia.com/portal/noticias/tema-redacao-exame-discursivo-uerj-2024/>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

⁴ Em uma entrevista para uma matéria ao SPLASH, do UOL, em 2023, Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba, criticou o uso educativo da obra de John Boyne. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/09/29/por-que-estudiosos-do-holocausto-sao-contra-o-menino-do-pijama-listrado.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

usar História, memória e política”, de Enzo Traverso, o capítulo “O que significa elaborar o passado” presente no livro “Educação e Emancipação”, de Theodor W. Adorno e o artigo de Sabrina Costa Braga, “A questão da verdade na historiografia após a Shoah: negacionismo, revisionismo e narrativismo”. A partir disso, será feita uma análise do livro “O Menino do Pijama Listrado” juntamente com um estudo sobre a representação do Holocausto na obra. Por fim, será feita uma discussão focada nos limites da representação do livro de John Boyne, a partir do livro “Holocausto e Memória” de Marcos Guterman e os artigos de Vanderléia Haiski intitulado “Os limites éticos da representação: narrativas da Shoah” e de Rueven Faingold, nomeado “O Holocausto nas artes: os limites da representação”, cujo objetivo é elencar os fatores que ultrapassam os limites da representação do Holocausto contida na obra.

Espera-se concluir com esta pesquisa que a representação do Holocausto em obras ficcionais, como “O Menino do Pijama Listrado”, embora sejam bastante difundidas e façam sucesso mundialmente, elas apresentam limitações significativas que podem comprometer a preservação da memória da Shoah.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 REPRESENTAÇÃO DO HOLOCAUSTO NA LITERATURA

O avanço dos estudos sobre a memória do Holocausto perpassa pela discussão proposta por Theodor Adorno sobre os limites da representação da Shoah, de forma artística através da literatura, impondo como barbárie a tentativa falha de representar um acontecimento histórico, que jamais será compreendido em toda a sua dimensão (GUTERMAN, 2020, p.113), por não se encaixar no modelo materialista-histórico e nem ser papel da vítima em destrinchar com os máximos detalhes do que aconteceu.

Enzo Traverso, em seus estudos sobre memória e violência no século XX, refere-se ao Holocausto como uma “religião civil” para descrever como a Shoah incorporou-se na memória coletiva dos países ocidentais, como os Estados Unidos e na Europa, elevando o evento a um status quase sagrado. Nessa perspectiva, o crescimento das produções narrativas, como forma de preencher as lacunas deixadas pelo testemunho, desperta a atenção do público para um maior interesse sobre o tema, ao ponto de se tornar uma temática literária intocável dentro da categoria ficcional.

As produções literárias sobre a Shoah vão sendo construídas no mercado de consumo com estratégias definidas a partir da perspectiva da vítima como personagem principal que, em muitos casos, se reflete em uma criança que não entende o que está acontecendo em seu redor, mas que ganha clímax ao superar barreiras e situações e tem como desfecho trágico que abala todo o público leitor e acaba com toda a expectativa de transformar a vítima como um sobrevivente. De forma prática, a temática do drama infantil costuma emocionar o público, mas, na tentativa de abordar o Holocausto, a narrativa ganha uma dimensão única ao criar uma perspectiva impactante e sensível e que toca, naturalmente, o leitor.

Ainda, nos escritos de Traverso (2012), é possível interpretar que essa “sacralização” do Holocausto pode levar à simplificação da história, ignorando outras formas de violência e genocídios que não recebem o mesmo reconhecimento. A problematização dessas narrativas ficcionais está na simplificação do genocídio de milhões de judeus europeus em sua composição final, uma vez que essas obras tiveram uma aceitação e receptividade extremamente positiva por parte dos consumidores nos mais diversos países (KURTZ, 2006, p.49).

A adoração do público por obras literárias ficcionais perpassa por uma linguagem fácil de entender e com a construção de um enredo bem elaborado, prendendo o leitor na história e criando uma memória afetiva, positiva ou negativamente, com o livro. Quando a temática se passa durante o Holocausto, a perspectiva é parecida, uma vez que, se o autor consegue passar o sentimento de angústia de seu personagem principal dentro de um espaço repleto de dor, ele ganha a atenção de leitores por todo o mundo ao dar vida própria a uma pessoa que foi, por muito tempo, uma estatística, criando um vínculo entre o consumidor e a obra. Entretanto, a partir do momento em que se entende a enorme comoção do público em tentar entender o que aconteceu com os judeus na primeira parte da década de 1940, a utilização de obras ficcionais começa a ser amplamente divulgada como forma não só de preencher os lapsos que a história e o testemunho não podem preencher, mas também para que o máximo de pessoas possíveis utilize essas obras como forma de aprendizado do que foi o Holocausto.

A análise de Braga (2023, p.112) de que há algo de intrinsecamente indizível e irrepresentável em catástrofes como a Shoah, mesmo quando transformada em narrativa ou transposta artisticamente, permite o questionamento de se a escalada de produções literárias que passam durante a Shoah possibilita uma construção excessiva de memória. Na perspectiva de Traverso (2012, p. 110), o risco não é o de esquecer a Shoah, mas sim de fazer um mau uso de sua memória. Por mais que essa literatura de ficção tenha seu papel importante para o

processo de não esquecimento, ela influencia na abertura de novas possibilidades de representação (BRAGA, 2023, p.112), abrindo-se às discussões sobre a relativização da representação, já que, sem a devida análise crítica do que é realidade e do que é ficção, a imaginação fica à mercê do público que consome a temática.

A partir do momento e, que a elaboração do passado se constrói com representações da realidade que podem se manifestar em configurações simplificadas e reducionistas (BRAGA, 2024, p.3), elabora-se uma nova forma de barbárie, relativa à de Adorno⁵. No contexto do Holocausto, o aumento de obras literárias de cunho ficcional diminui o potencial crítico de análise, mostrando como a instrumentalização da razão, quando se afasta da ética, pode levar à desumanização. A necessidade de emancipar essa memória começa a partir da conscientização individual sobre o que é ficção e o que é verdadeiro, já que pelo lado da produção literária não se deveria esperar muito de atitudes envolvendo fatos que são rejeitados por eles ou então rejeitados como simples execuções (ADORNO, 2024, p. 51).

Mesmo que a representação da Shoah nas obras literárias ficcionais seja feita com o intuito de envolver o máximo de leitores possíveis dentro da tragédia, é importante considerar que a elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando sua autoconsciência e, por essa via, também o seu eu (ADORNO, 2024, p.51), ou seja, o potencial crítico de análise precisa partir do indivíduo que consome esse tipo de arte, entendendo que há uma transformação do espaço e a ocultação de fatos em prol de uma narrativa rebuscada, principalmente se essas obras forem utilizadas no meio educacional.

2.2 ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO EM “O MENINO DO PIJAMA LISTRADO”: DA INOCÊNCIA À DISTORÇÃO DA REALIDADE

O livro “O Menino do Pijama Listrado” retrata a história de Bruno, um menino de nove anos, filho de um militar do alto escalão nazista que se muda de Berlim por causa da designação do pai para comandar um campo de concentração nomeado de “Haja-Vista”. A mudança repentina de realidade fez com que o personagem ficasse solitário e entediado, assim buscando se desbravar, secretamente, nos terrenos próximos à sua casa, quando chega perto da cerca do campo e encontra Shmuel, um menino judeu-polonês de mesma idade aprisionado em Haja-vista.

A ida para Haja-Vista, além de ser o ponto inicial da história, é um marco muito importante para a vida de Bruno, pois é ali que sua perspectiva de vida começa a se transformar. Diferentemente de Gretel, sua irmã três anos mais velha, Bruno não entendia a complexidade do trabalho de seu pai e muito menos o contexto político que estava, tanto que suas memórias são presas à casa antiga, seus amigos e seus avós, sempre tentando achar uma forma de voltar para Berlim. O primeiro contato de Bruno com o Campo se dá através da janela de seu quarto que dava para uma floresta. A distância era de 150 metros ao ponto de, em um primeiro momento, ele imaginou que eram crianças “pouco amigáveis”, até mostrar para sua irmã:

Aquela tarde em Haja-Vista era de um dia brilhante ensolarado, e o sol reapareceu de trás de uma nuvem, justo no momento em que Gretel olhava para fora da janela, mas, após um instante, seus olhos se ajustaram à luz; o sol tornou a desaparecer, e ela viu a respeito do que Bruno estivera falando. (BOYNE, 2007, p.32-33)

Logo entenderam que não eram só crianças, tinha pessoas de diversos tamanhos e alguns até mais velhos, mas que eram todos homens. Depois começaram a pensar que eram fazendas, justamente pela estrutura que viam pela janela, como arames, cercas, cabanas enormes, mas também não tinha animais. A partir disso, os questionamentos de Bruno sobre o que era aquele lugar e quem eram aquelas pessoas começaram a aflorar.

O primeiro ponto a ser discutido é sobre a construção espacial da vida cotidiana dos personagens em relação à realidade, uma vez que

mesmo em tempos anormais, grande parte da população segue seus ritos cotidianos como se ignorasse o contexto e, ainda, é possível concluir que isso seria justamente uma face da anormalidade do período nazista: que as pessoas continuassem vivendo suas vidas normalmente sob um regime sabidamente fundado em uma política de extermínio” (BRAGA, 2023, p.105).

⁵ A barbárie, para Theodor W. Adorno, visto no livro “Educação e Emancipação”, não é algo que está além da sociedade, mas sim um produto da racionalização humana ao priorizar a técnica e o progresso em detrimento da reflexão crítica.

Entretanto, quando se observa a construção doutrinária de Bruno, a realidade da narrativa se mostra ao contrário, já que o personagem principal não tinha o entendimento sobre quem eram os judeus e, em diversos momentos, questionava os mais velhos sobre o que estaria do lado de fora da sua janela. Enquanto, na realidade, mostra-se a população conformada com a perseguição e, posteriormente, com a deportação e o assassinato em massa de judeus⁶. Além disso, a falta de conhecimento, por parte de Bruno, sobre os judeus também pode ser questionada a partir do momento em que Gretel, sua irmã mais velha, não só entendia, mas também compartilhava o desprezo contra judeus:

Gretel suspirou e balançou a cabeça. “Com os outros judeus, Bruno. Não sabia disso? É por isso que precisam ficar juntos. Eles não podem se misturar com a gente.” [...] “Não, estúpido, somos nós que não gostamos deles” (BOYNE, 2007, p. 159)

A representação de Bruno como uma criança inocente e isenta do que acontece ao seu redor é refletida a partir de uma prática da indústria literária do Holocausto em criar uma narrativa em que apenas as pessoas que contribuíram diretamente com os horrores da Guerra eram os culpados, deixando isenta toda a população que ajudava “indiretamente” com o sucesso do regime.

A criação de um personagem infantil e ingênuo faz parte da lógica de produção atrativa para a leitura da obra, uma vez que a perspectiva de uma criança na trama se torna muito mais convidativa ao público geral do que a de uma pessoa adulta alheia ao que acontece durante a guerra, permitindo que o espaço e a linguagem sejam transformados. Em “O Menino do Pijama Listrado” acontece a mudança da palavra “Führer”⁷ para “Fúria”, como uma forma mais suave de representar Adolf Hitler aos olhos infantis de Bruno. Sua desconexão com a realidade é tão consistente que ele mesmo não conhece e não entende quando falam o nome “Fúria”:

“Quem é o Fúria”, perguntou Bruno. “Você está pronunciando errado” disse o pai, pronunciando corretamente o nome para ele. “O Fúria”, disse Bruno novamente, tentando acertar, mas errando outra vez. “Não”, disse o pai, “o...Ora, esqueça!”. “Bem, quem é ele afinal?” Perguntou Bruno de novo. O pai olhou para ele estupefato. “Você sabe muito bem quem é o Fúria”, disse ele. “Não sei”, disse Bruno (BOYNE, 2007, p.105)

Essa construção torna-se muito problemática para os reflexos de uma obra ficcional que retrata sobre o Holocausto, já que, de certa forma, diminui a complexidade do papel primordial de Adolf Hitler para o genocídio de judeus ao reduzi-lo apenas como um personagem literário sem tanta importância, sendo apenas o “chefe” de seu pai.

Como em toda elaboração textual da narrativa dramática, o clímax é essencial para prender a atenção do leitor no que acontece na reta final da obra. Em “O Menino do Pijama Listrado”, a comoção aparece a partir do crescente laço de amizade entre os personagens Bruno e Shmuel, chegando em seu ápice final, o que culmina na morte dos dois na câmara de gás. O fato de a construção desse clímax ser elaborada através de uma amizade impossível, justamente por causa da segregação entre arianos e judeus, e trazer à tona apenas a perspectiva inocente e solitária de Bruno, permite que a narrativa tende a fazer com que o leitor ignore e normalize todo o contexto de sofrimento de Shmuel.

O sucesso mundial e a ampla divulgação de “O Menino do Pijama Listrado” fizeram com que a obra se tornasse um *best-seller*, vendendo mais de 11 milhões de cópias mundialmente⁸. A tradução da obra para mais de 42 línguas possibilitou que ela fosse utilizada, na educação básica, como uma forma de crianças e adolescentes entenderem o que foi o Holocausto, podendo até ser considerado o livro como um primeiro contato dos alunos com a temática do genocídio. Entretanto, sem a sua devida instrumentalização crítica, ou seja, a reafirmação de que a obra é de cunho ficcional dramático e que seu objetivo está muito aquém da educação, possibilita a manutenção do estigma de vítima passiva e da alienação da população civil dentro do imaginário do leitor. Além

⁶ A conformação da perseguição de judeus pode ser interpretada a partir do processo de “Arianização”, de 1933 até 1938, no qual excluíam judeus de toda vida econômica da Alemanha, envolvendo a demissão de trabalhadores e administradores judeus, bem como a transferência de companhias e negócios de propriedade judaica para alemães não-judeus (Legislação Anti-Semita na Alemanha antes da Guerra | The Holocaust Encyclopedia, [s.d.]

⁷ Termo alemão que se traduz como “Líder”, utilizado pelos nazistas para se referir a Adolf Hitler

⁸ Esses dados foram mostrados em uma matéria jornalística da Revista Terra em setembro de 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/o-menino-do-pijama-listrado-por-que-o-filme-nao-e-recomendado-por-estudiosos-do-holocausto,78c142c1ce2ee39be7f6c70b417f0f3a82pqkxxb.html> Acesso em 19 de Fevereiro de 2025

disso, ainda permite que o potencial crítico de análise da Shoah seja perdido em meio a novos escritos ficcionais, tornando-se uma nova forma de barbárie, na perspectiva de Adorno.

2.3. OS LIMITES DA REPRESENTAÇÃO: A BANALIZAÇÃO DO HOLOCAUSTO NA FICÇÃO

A criação de narrativas que tentam representar artisticamente e ficcionalmente os eventos traumáticos são conhecidos mundialmente por seus retornos lucrativos à indústria literária. Na temática da Segunda Guerra Mundial, especialmente da Shoah, essas narrativas ficcionais despertam a atenção por toda a sensibilidade do assunto, servindo como forma de tornar o Holocausto conhecido por toda parte (GUTTERMAN, 2020, p.123). Entretanto, quando se tenta representar uma tragédia irrepresentável, o desequilíbrio entre a ética e a estética se liga à problemática da relativização e até mesmo da negação do próprio passado (BRAGA; GONÇALVES, 2023, p.46), podendo refletir como forma de barbárie na construção de narrativas historicamente problemáticas.

Voltando à perspectiva de Travesso (2012), o fato de o Holocausto ter se tornado uma “religião civil”, ou seja, intocada, impacta diretamente na literatura que lhe é desenvolvida. O incentivo da indústria literária na produção artística ficcional, sem a devida reflexão sobre os acontecimentos, possibilita o aumento de narrativas que distorcem a realidade, fazendo com que a Shoah perca sua dimensão trágica e, assim, se distanciando do real sofrimento de milhares de vítimas (HAISKI, 2014, p. 183).

Ainda, a comercialização do Holocausto como uma cultura literária pode ser observada como um afronte a todas as vítimas e sobreviventes, uma vez que converte todo sentido real de história em espetáculo e entretenimento (FAINGOLD, 2009, p.99). O incentivo da indústria de cultura nessas produções artísticas fortifica o processo de desmemória, ou seja, a partir do momento que a construção narrativa ficcional apela para o lado emotivo do leitor, a imaginação histórica do acontecimento se transforma e permite uma reformulação da memória.

A falta de instrumentalização crítica na leitura dessas obras reflete-se no enfraquecimento da literatura de testemunho, uma vez que a prioridade do mercado está nas histórias que chamam a atenção do público, não sendo, necessariamente, verdadeiras, já que as memórias daqueles que sofreram diretamente com o horror da guerra possuem lacunas causadas pelo trauma. Com as memórias de sobreviventes sendo deixadas de lado não só pela indústria literária, mas também pelos próprios leitores, o bloqueio da reflexão vai se tornando natural, dificultando, cada vez mais, a distinção entre realidade e ficção.

Partindo de uma perspectiva historiográfica, considera-se deficitária qualquer representação estética ou qualquer tipo de linguagem figurativa e exclusivamente ficcional, pois, geralmente, elas tendem a adicionar “algo” ao objeto retratado; reduzindo aspectos do próprio acontecimento (FAINGOLD, 2009, p.102). No livro “O Menino do Pijama Listrado”, isso se demonstra a partir da construção narrativa focada na vivência de Bruno, acrescentando uma amizade impossível com Shmuel para compor a narrativa e apelando para a emoção do leitor com o desfecho da história. Por mais que a obra de John Boyne seja mundialmente conhecida por ser uma história que retrata uma visão infantil do Holocausto, ela, na verdade, demonstra a visão de uma criança cujo pai é um oficial do alto escalão nazista e que possui uma inocência insólita ao ponto de não conseguir entender a realidade em que vive.

O perigo dessa representação também se compõe através da relação entre a estética e a linguagem, fazendo com que a ficção narrativa consiga prender o público com a elaboração de textos a partir da utilização de uma escrita direcionada para o lado emocional. A tentativa de normalizar as ações dos personagens em volta de Bruno, como a do Tenente Kotler que assassinou o descascador de batatas, Pavel, fazendo com que o personagem apenas “sumisse” da narração, permite que o leitor tenda, mesmo que inconscientemente, a esquecer as histórias dos antagonistas.

Além disso, há descaso de Bruno em relação à realidade de Shmuel dentro do campo de concentração, como na seguinte passagem:

(...) E então Shmuel começou a tremer e Bruno olhou ao redor, como se pudesse ver em vez de sentir se estava com frio ou não. “Não está tão frio assim, está? Você deveria ter trazido um casaco, sabe. As noites estão *mesmo* ficando mais frias” (BOYNE, 2007, p.125)

Por mais que essa ação não se esgote apenas nesse trecho, ela reflete a construção da inocência do personagem que, não só não sabia da existência dos campos, mas também achava que Shmuel estaria vivendo confortavelmente e brincando, enquanto, na realidade concreta, alemães de todas as idades já tinham uma noção prévia do que acontecia na época.

A escrita de John Boyne simplifica e reduz a realidade do que foi a Shoah ao tentar normalizar as ações de seus personagens mediante ao contexto histórico em que se passa a obra, criando uma realidade que convém à premissa ficcional e que faz sucesso na indústria literária.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu entender a representação do Holocausto dentro do livro “O Menino do Pijama Listrado”, analisando ainda os limites dessa representação e seus reflexos não só no âmbito da educação, mas também no processo de preservação da memória. Por mais que a obra tenha alcançado um grande sucesso mundial e tenha sido usada como referência bibliográfica da prova de redação do vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2023, a narração consegue distorcer a realidade concreta, contribuindo com a banalização da Shoah.

A elaboração da narrativa através da amizade inesperada entre Bruno, filho mais novo do comandante do campo de concentração, e Shmuel, uma criança judia presa no campo, ao mesmo tempo que apela para o lado emocional do público, reflete nas ações da indústria literária em se aproveitar do sofrimento para transformá-lo em um espetáculo e ignora em tentar retratar a complexidade e o horror do genocídio. A construção do personagem de Bruno como uma criança inocente e que desconhece o contexto político-social em que vive se torna problemática, já que reduz a responsabilidade da sociedade alemã e simplifica a brutalidade do regime nazista.

A pesquisa ainda destaca a importância da abordagem crítica na utilização de obras ficcionais, como o próprio “O Menino do Pijama Listrado”, para atividades educacionais. Mesmo que na versão original, em inglês, tenha a denominação no final como uma fábula – *The Boy in the Striped Pajamas: A Fable* – a tradução para o português descarta este importante detalhe. Entretanto, é importante frisar que, apesar dessa medida na linguagem original, ela não consegue evitar de fato os abusos dessa representação. Nesse sentido, sem a devida contextualização da obra como ficção e a instrumentalização crítica, essas narrativas podem reforçar distorções da realidade, enfraquecendo a memória do Holocausto.

O livro de John Boyne, embora seja emocionante e impactante, não deve ser utilizado como uma obra para se aprender sobre a Shoah, justamente por, se mal utilizado, poder contribuir com o processo de desmemória, como definido por Faingold (2009), e com a romantização do sofrimento de vítimas e sobreviventes.

Portanto, pode-se concluir que as narrativas ficcionais que tentam representar o Holocausto, como “O Menino do Pijama Listrado”, precisam ser abordadas com a devida criticidade, principalmente para fins educacionais. É imprescindível que educadores e leitores estejam cientes dos limites históricos que a obra ultrapassa para tentar elaborar uma história emocionante, sempre buscando complementar através da literatura de testemunho e demais fontes históricas. A preservação da memória da Shoah precisa se desenvolver por meio de uma abordagem crítica e reflexiva, evitando a barbárie em forma de simplificação e banalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. “O que significa elaborar o passado”. In: **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra 7 edição, 2024.

BOYNE, John. **O Menino do Pijama Listrado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRAGA, S. C. GONÇALVES, M. **A multidirecionalidade da memória do Holocausto e da ditadura militar brasileira em K. Relato de uma busca**. Revista Diversidad de las Culturas, v. -, p. 43-54, 2023

BRAGA, S. C. **A literatura ilegítima da Shoah: Ka-Tzetnik e as Stalag Fiction**. TOPOI (ONLINE): REVISTA DE HISTÓRIA, v. 25, p. 1-20, 2024.

BRAGA, S. C. **A questão da verdade na historiografia após a Shoah**. FRONTEIRAS: REVISTA CATARINENSE DE HISTÓRIA, p. 97-121, 2023.

FAINGOLD, Reuven. **O Holocausto nas artes: os limites da representação**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, out. 2009. páginas 95-103. ISSN: 1982-305

GUTERMAN, Marcos. **Holocausto e Memória**. São Paulo: Contexto, 2020.

HAISKI, Vanderléia. **Os limites éticos da representação: narrativas da Shoah**. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas • seer.ufrgs.br/NauLiteraria ISSN 1981-4526 • PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre • Vol. 10 N. 01 • jan/jun 2014

KURTZ, Adriana. **O cinema depois de Auschwitz: os dilemas da representação do Holocausto**. Devires, Belo Horizonte, v.3, n.1, p.46-63, jan-dez. 2006

SANTANA, B. Tema de redação Uerj 2024: “Qual seria, para você, a moral da história narrada em **O Menino do Pijama Listrado**?” Disponível em: <<https://vestibulares.estrategia.com/portal/noticias/tema-redacao-exame-discursivo-uerj-2024/>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2025

TALARICO, F. **Por que estudiosos do Holocausto são contra “O Menino do Pijama Listrado”?** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2023/09/29/por-que-estudiosos-do-holocausto-sao-contra-o-menino-do-pijama-listrado.htm>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2025

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar. História, memória e política**. Título original: Le passé, modes d'emploi: histoire, mémoire, politique. Autor: Enzo Traverso. Tradução: Tiago Avó. Revisão: Unipop. Capa: Ana Mary Bilbao. Paginação: Unipop. Impressão: SpeedMedia. La fabrique 2005, Unipop para a presente edição. 1ª Edição fevereiro de 2012.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. “**Legislação Anti-semita na Alemanha antes da Guerra**”. Holocaust Encyclopedia. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/anti-jewish-legislation-in-prewar-germany> Acesso em 18 de fevereiro de 2025

ZANETTI, L. “**O Menino do Pijama Listrado**”: **Por que o filme não é recomendado por estudiosos do Holocausto?** Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/o-menino-do-pijama-listrado-por-que-o-filme-nao-e-recomendado-por-estudiosos-do-holocausto,78c142c1ce2ee39be7f6c70b417f0f3a82pqkxxb.html>>. Acesso em: 19 fevereiro de 2025.